

Crescimento da economia, um risco com inflação alta

MÔNICA MAGNAVITA

Os últimos indicadores econômicos revelaram que a economia conseguiu se recuperar, e parece que deixou para trás a ameaça de recessão que rondou o País nos primeiros meses do ano. Mas a questão é avaliar se o crescimento da produção industrial, da taxa de emprego na Grande São Paulo (que só na primeira semana de agosto subiu 0,36%), e do consumo é o melhor que pode ocorrer para a economia brasileira, neste momento.

Apesar da aparente contradição entre a queda acentuada do salário real em junho, segundo cálculos do economista José Cláudio Ferreira da Silva, do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipea), e o aumento da demanda, tudo indica que este cenário ainda vai durar alguns meses. Pelas contas de Ferreira da Silva, os salários pagos pela indústria paulista caíram de um índice 100, em janeiro de 1986, para 81, em junho deste ano — depois de um índice 89, em maio, e 92, em janeiro último. Mas esta queda em junho ocorreu porque o economista usa o IPC do mês seguinte como deflator (para calcular a evolução do poder de compra real dos salários é preciso retirar das remunerações a inflação do mês).

Assim, como, de maio para junho, a inflação quase triplicou, a redução dos salários foi muito acentuada. Ferreira da Silva observa, contudo, que esta taxa já deverá ter sido in-

corporada aos salários pagos em julho pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Só isto explicaria o aumento acentuado da taxa de emprego — na primeira semana de agosto, o crescimento do emprego foi de 0,36%, comparável apenas às taxas registradas durante o Plano Cruzado. Houve também aumento do consumo, com as vendas no comércio varejista atingindo o pico do ano em maio, com uma taxa de 15,7%. Por esta razão — e como a inflação de agosto ficará no mesmo patamar da taxa de julho (em torno de 28,5%) — o poder de compra dos salários terá um relativo aumento.

Em síntese, o consumo deverá continuar aquecido. Além do aumento da massa salarial, pois o emprego subiu, o crescimento da produção industrial conta com os elevados superávits da balança comercial. Se as exportações continuarem neste ritmo e a demanda permanecer em alta, o PIB vai apresentar resultados positivos neste ano, ao contrário de todas as projeções feitas até o momento.

Mas o que Ferreira da Silva pondera é que este cenário de prosperidade cairia muito bem se a inflação estivesse um pouco menor. E sob controle.

Com taxas beirando os 30% e com a ameaça (ainda que mais remota) de uma hiperinflação, este crescimento parece, no mínimo, perigoso. Neste caso, o economista observa que será difícil conter a subida dos preços, até porque o Índice de Preços por Atacado (IPA) de julho foi o mais alto da história.